ANDARILHAS URBANAS: PRÁTICAS CAMINHANTES DE MULHERES LATINO AMERICANAS

Ana Elisa Pereira Chaves

David Moreno Sperling

Instituto de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo

anaelisapchaves@usp.br

Objetivos

Opondo-se à literatura da modernidade que descreve quase unicamente a experiência dos homens acima da linha do Equador, invisibilizando as relações das mulheres, especialmente as latinas, com a cidade, esta pesquisa se propõe a traçar um panorama contemporâneo das práticas caminhantes das mulheres latinoamericanas e a partir delas explorar psicogeograficamente a cidade de São Carlos.

Métodos e Procedimentos

Para traçar um panorama de artistas caminhantes no cenário da arte contemporânea, foram definidas as seguintes palavras-chave: mulheres; *mujeres*; *women*; artistas; *artists*; caminhantes; *caminantes*; *walking*; *flaneuses* - para buscas no *Google Acadêmico* (e esporadicamente no *Google Search*), registradas cuidadosamente - através de registros de tela, links de teses, dissertações, notícias e mais - no *software* MIRO, o que permitiu a visualização dos caminhos percorridos ao encontro das artistas. A segunda etapa da pesquisa consistia na prática caminhante da própria pesquisadora, uma mulher latino americana, na cidade de São Carlos. Destaca-se o penúltimo capítulo do livro “Caminhar e parar” de Francesco Careri chamado “Glossário”, como, nas próprias palavras do autor, “espécie de metodologia do tema caminhar e parar”. O capítulo apresenta 19 palavras que Careri chama de “ingredientes com os quais preparar pratos diversos” - uma cartografia, uma obra de arte, um projeto de arquitetura. (CARERI, 2017, p.113 e 114). Destas 19 palavras a pesquisadora selecionou 13 para pautar criticamente sua prática caminhante. Cita-se neste resumo algumas: Metodologia: é construída ao longo do caminho; Projeto: distanciar-se da compreensão do projeto enquanto finito e pronto a ser executado; Indeterminado: tanto o autor quanto o projeto “devem estar prontos para acolher os incidentes de percurso se não até mesmo para causá-los ou buscá-los.”; Perder Tempo = Ganhar espaço; Reterritorializar: “Por meio de quais ações, linguagens, práticas o pesquisador vai compartilhar aquilo que compreendeu do território estudado em suas andanças; Um pra um: “É o corpo a corpo com a cidade. Não se pode conhecer o espaço a não ser atravessando-o com nosso corpo [...]”; Fim: “… deixar o final sempre em aberto…” (CARERI, 2017, p. 114 a 124). Com essas orientações em mente, a pesquisadora adotou a deriva como prática caminhante e a busca por ruas com nomes femininos como mote, sempre partindo de uma rua “feminina” e sem qualquer auxílio de ferramentas de navegação por satélite durante a deambulação .

Resultados

As pesquisas em português, espanhol e inglês revelaram 57 mulheres latinoamericanas ou coletivos majoritariamente femininos que incorporam - ou já incorporaram em algum momento - práticas caminhantes em seus trabalhos artísticos, são elas: adriane corrêa, amanda gutiérrez, ana karolina carneiro, alice dote, aline serpa, auriele cuti, bárbara scudeller, berna reale, bianca costa levy, camila assad, carolina pifano, carolina rochefort, carolina huffmann, caroline veilson, celia regina da silva, celma paese, coletivo es3, coletivo teatro dodecafônico, cybele varela, edith derdyk, eduarda azevedo gonçalves, elen gruber, emanuela di felice, gabriela gomes, gabriela mariano, helen leonarda abrantes, hellen firmino, jordana berchon, julieta hernandez, karina dias, karolina fernandes, kellen louzich, kelly wendt, laila padovan, laura cezar, leli baldissera, luana detoni, manoela furtado, marcela dimenstein, maria angélica da silva, maria jose medice, maría teresa hincapié, natalia naoumova, panmela castro, núcleo tríade, patrícia ferreira (pará yxapy), polyanna morgana, rafaela jemmene, rocío velázquéz, sandra almansa, simã catarina pinto, soraya nór, stela kubiak, suzany mariha feitoza, taís beltrame dos santos, vivian caccuri e vivian herzog.

Dentre essas dezenas de mulheres foram selecionadas seis artistas e dois coletivos cujas produções se destacaram pela sua densidade e intimidade com práticas caminhantes, são eles: Amanda Gutiérrez (1978, Cidade do México, México), Berna Reale (1965, Belém do Pará, Brasil), Edith Derdyk (1955, São Paulo, Brasil), Leli Baldissera (1990, Erechim, Brasil), María Teresa Hincapié (1956, Armenia, Colômbia - 2008, Bogotá, Colômbia), Panmela Castro (1981, Rio de Janeiro, Brasil), Núcleo Tríade (2008, São Paulo, Brasil) e Coletivo Teatro Dodecafônico (2008, São Paulo, Brasil). Após refletir sobre a obra destas artistas e coletivos, a pesquisadora concebeu seu próprio sentido do caminhar: buscar as mulheres nas ruas de São Carlos, mais especificamente, as mulheres que dão nome a estes trechos da cidade. Para tal foram realizadas três derivas, registradas por texto e fotografias, que somaram mais de 17 quilômetros percorridos ou mais de 19 mil passos dados para encontrar cinco mulheres que nomeiam ruas, são elas: Maria Stella Gionotti Savelli, Dona Maria Isabel de O. Botelho, Beatriz F. de Almeida Faccin, Madre Saint Bernard e Dona Ana Prado.

Conclusões

Logo no início da pesquisa percebeu-se que não havia um livro, tese ou dissertação que se propusesse a reunir artistas latinoamericanas cujo trabalho desenvolve-se através de práticas caminhantes e que poderia, portanto, ser fonte primária e referência principal desta pesquisa. Sendo assim, as referências tornaram-se um tanto dispersas e os caminhos de pesquisa ganharam diversas bifurcações. O cenário de arte contemporânea latinoamericano é muito diverso e disperso, são poucas as publicações que se propõem a estudar, a partir de certas chaves de leitura, artistas jovens ainda em produção. Para além da montagem do panorama das artistas caminhantes, assumir corporalmente, enquanto mulher latina, práticas caminhantes possibilitou tatear, com mais firmeza, questões geracionais e existenciais das mulheres que experienciam a cidade do sul global.

Referências

CARERI, Francesco. Caminhar e parar. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Prefácio de Paola Berenstein Jacques; Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013..

O'ROURKE, Karen. Psychogeography: The Politics of Applied Pedestrianism. In: ____. Walking and Mapping: Artists as Cartographers. London: The MIT Press, 2013

STOLL, Daniela Schrickte. "A flânerie de uma andarilha urbana". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, e57230, 2020.

SANTOS, D. de. Barros; MENESES, Maria Paula Boaventura de Sousa. [orgs.]. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.